

# ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Chaves  
EDITOR

# PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do Jornal O SECULO

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço *Illustração Portuguesa—Lisboa*

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1904

NUMERO 46



ALEXANDRE HERCULANO DE CARVALHO ARAUJO

O insigne mestre da historia e da romance em Portugal, o auctor de tantas obras de rumbo e de grandeza, essa legittima gloria portugueza, nasceu a 28 de março de 1809 n'uma modesta casa de valles do Gil a rua de S. Bento, Era filho de Theodoro Candido d'Araujo e de D. Maria do Carmo B. Boaventura, vindo da descendencia humilde d'um pedreiro, mestre d'obras da casa real. Estudou latim e latinidade no hospicio das Necessidades, e preparava-se para entrar na Universidade quando sequestraram os meios á sua familia. Herculano dedicou-se então ao estudo das linguas e frequentou a aula de diplomacia.

Tomou parte na revolta de 4 d'infantaria em 1831 e fugiu a bordo da fragata *Melpomene*, tudo para Falmouth, e depois para Plymouth, sahindo d'all para Jersey e depois para Rouen. Nesta cidade foi para a Terceira e incorporou-se no exercito de D. Pedro e desembarcou com os 7.500

bravos no Mindello, tomando parte em todas as primeiras acções das luctas liberas no mesmo tempo que desempenhava o cargo de bibliothecario nos archivos do Porto, desmilitando-se por occasião do alaque de liberdades em 1836. Digitiu o *Panorama* e publicou em 1835 a *Harpa do Crente* a que se seguiram os romances *Nogue de Oister*, *Eurico*, *O Bobo*, *Lendas e narrativas*, a *Historia de Portugal* sob D. Affonso III, o que é um monumento, a *Historia do Estabelecimento da Inquisição*, diversos opusculos e ainda muitas outras obras primas. Foi bibliothecario d'el-rei D. Fernando, e vice-presidente da Academia Real das Sciencias. Caracter honrado e digno, homem de tempera forte, retirou-se da sociedade e foi viver para Valle de Lobos, onde falleceu em 12 de setembro de 1877. Jas no Pantheon, onde lhe foi erigido um tumulo por subscripção publica.

# CHRONICA

## Fructas do tempo

Toda a fructa tem seu tempo e sobretudo os seus devotos. Ha o tempo das grânjas eguaes a lagas de sangue, dos figos de capa rota, das uvas sumarentas, dos limões verdes, das castanhas que são ás vezes como um palmo de pau que se mette no corpo e das facadas que são sempre um ou dois palmos de ferro que entram na nossa integridade.

Agora é o tempo das melancias e das faculas. Os jornaes veem cheios de locaes a seu respeito, com pormenores, com detalhes, com retratos dos cultivadores d'essa fructa que parece ter agora o seu tempo.

A facada nasce nos terrenos da Mouraria, desenvolve-se, cresce, cria audacias, vem quando ha um crime, uma rixa, uma pugna, ou uma bebedeira. De roda d'ella como adubo ha a ignorancia, o

dividiu que só fizeram bem e que por isso lhes querem mal, devem defender-se, d'ahi, a faca; ainda outros são marujos, soldados, serralleiros, operarios sem trabalho e logo precisam de andar armados.

N'estas ultimas semanas a navalha tem estado no galarim, tem-se tornado notavel, tem sido o prato do dia. De todos os pontos do paiz chegam noticias da heroína, de todas as villas veem novas suas, na Boa-Hora enchem-se resmas de papel selado por sua causa e começa a provar-se que a navalha é a verdadeira panacea para curar d'uma vez os males da nação. Ha porahi muita gente com doencas incuraveis, com fome, com desesperos, com ideias de suicidio, com faltas de dinheiro e com desditas. Os electricos está já provado que não chegam para todos, os comboios do mesmo modo são insufficientes, os automoveis dão uma pequena percentagem e d'ahi o entrar em scena n'estes ultimos tempos com mais frequencia a navalha, que acaba com todos os soffrimentos.



A CASA DA ANTIGA BIBLIOTHECA DO PAÇO D'AJUDA E ONDE RESIDIU HERCULANO

incitamento, as prosapias de valentia, como enfeite a calça da bocca do sino, o chapen desabado, a cinta e a guitarra.

E' uma epidemia, é como uma fructa só propria d'aquelles logares onde se deciltra e se bate o fado. A facada, mercê da publicidade, chega a fazer notabilidades, chega a arranjar verdadeiras reputações. Discute-se o faquista como a um politico ou como a um litterato. Fala-se da maior ou menor maestria com que mettin o ferro, da hora a que o fez, do local, da roupa branca que elle usa. Apaixona.

Na escala do vicio ganha galões por cada palmo de ferro que consegue metter nos corpos dos parceiros, conquista por vezes, além da fama, sympathias, entenece os jurados e as mulheres, é cantado nos papeis publicos e a historia do seu crime vende-se em versos de cordel feitos no Limoeiro como as escovas e os capuchos.

No tribunal arranja sempre um dito, faz por vezes rir, ao arrastar a voz para dizer:

— Navalha, senhores jurados! Qual navalha?! Era um canivetesinho para aparar lapis.

— Qual é o seu officio?!

— Não tenho officio... Sou um desgraçado...

— Então para que queria o lapis?!

E elle, d'olhos baixos, tristonho, justifica-se:

— Era para assentar a ponta das facadas que tenho dado, por causa d'uma relação

E é com um dito assim que elles ás vezes se salvam, amparando-se na outra muleta nacional: a pilheria!

Às vezes fazem-se rugas e prova-se que todos aquelles cavalheiros usam navalhas por causa dos seus misteres: uns são frequentadores de bairros de má fama e vão para casa tarde, tem receio de ruins encontros e, d'ahi, a navalha; outros são in-



TUMULO D'ALEXANDRE HERCULANO NA REAL CASA PIA DE LISBOA

Muita gente se admirava que ella tivesse de repente a sua epoca e nós pertencemo, a esse numero, porque não acreditavamos na falta de vigilancia das multitudes, que por tudo velam, pela segurança nos theatros, para que os espectaculos acabem á meia noite, para que não se escurra nos americanos, para que não haja ajuntamentos ás esquinas. Agora vemos que se trata d'uma medida de salvacao e, além d'isso de que é o tempo proprio d'essa fructa, que busca os intestinos e as melancias, que ainda se apegam... á faca.

ROCHA MARTINS.



O PATIO DO GIL DA RIXA DE S. BENTO

N'um predio hoje derruido d'esto pátio vivou a familia de Herculanó e ali nasceu o grande historiador



ALEXANDRE HERCULANO



JOÃO MARIA GALHARDO  
Collectador das obras de Herculano  
e um das suas bibliotecas e testamentários



EDUARDO AUGUSTO P. GALHARDO  
Vencedor de Medalhas  
Sobrinho d'Alexandre Herculano



D. MARIA D'ASSUMPÇÃO A. GALHARDO  
Irmã d'Alexandre Herculano



A BIBLIOTHECA D'AJUDA DE QUE HERCULANO FOI BIBLIOTHECARIO  
QUANDO INSTALLADA NO PREMIO CONTIGUO AO PALACIO  
(Neste a mesa está o Manuscrito de Frei Luiz de Sousa, autographo sobre o qual Alexandre  
Herculano reconstruiu os Annuaes de D. João III)



ALEXANDRE HERCULANO COM O LIBERAL  
VICENTE FERRER, SEU INTIMO AMIGO



GENERAL JOAQUIM M. M. GALHARDO  
Sobrinho d'Alexandre Herculano



D. CAROLINA D'ARAÚJO GALHARDO  
Sobrinha d'Alexandre Herculano



JOAQUIM RODRIGUES GALHARDO  
Cunhado e companheiro d'exílio de Herculano



OS BANDARILHEIROS

JOÃO SALEM—D. JOSÉ VASCONCELLOS E SOUZA—E. PERESTELLO—J. BELLO—D. NUNO POMBA—D. RUY DA CAMARA



OS MOÇOS DE FORCADO

D. PEDRO DE MELLO E CASTRO—E. CORREIA HENRIQUES—JOÃO PERESTELLO—GUILHERME BLECK—D. LEI DE SOUZA MACEDO (MESQUITEIRA)—D. JOSÉ DE CASTELLO NOVO



AS CORTEZIAS

UM DOS CAVALHEIROS  
SR. JORGE BLECK

A PRESIDENCIA DE HONRA NA CORRIDA

SR.<sup>as</sup> D. MARIA DE BELLO CASTRO—D. ANTONIO BORGES DE LIMA—D. M. LAYNE D'ALMEIDA  
—D. MARIA DE LENCASTRO E SOUZA—D. HELENA M. SANTOS—  
D. MARIA DE VASCONCELLOS E SOUZA (CHUTEIRO)—D. MARIA BAREL DE CASTRO FERREIRA

A CORRIDA DE VACAS EM CINTRA

Toda d'encanto e brilho foi esta festa, devida à iniciativa d'um grupo de senhoras e cavalheiros da nossa primeira sociedade a que se encontram versando em Cintra. Rapazes do mundo elegante, alguns bem distintos cavalheiros, tomaram parte na corrida que foi cheia d'incidentes alegres, havendo no entanto ocasião de muitos dos lidares demonstrarem a sua pericia. Entre estes conta-se o sr. Eduardo Pereira de Vasconcellos, que, bandarilhando uma das vacas, meteu soberbos pares de ferros. Os cavaleiros ars. Bleck e Castro tiveram também grandes orações, assim como alguns dos forcados.

A família real assistiu à corrida, e sob o camarote real estavam as ex.<sup>as</sup> sr.<sup>as</sup> D. Assunção Moraes, D. Helena Mauperrin Santos, D. Maria d'Assumpção de Mello, D. Maria Isabel Pe-



OS MOÇOS DE CURRO

reira, D. Maria Lázaro d'Almeida, D. Maria de Lencastre, D. Maria Leão d'Almeida, D. Maria de Vasconcellos e Souza. Estas damas vestiam gentilmente à espanhola e offerreceram a todos os amadores que tomaram parte na corrida umas lindíssimas modas. A festa foi, pois, alegre e bem distincta, a tarde magnificente e cheia de sol, e encantador o aspecto da praça a qual correu tão quanto em Cintra há d'elegante e de ilustre, a animar os brônco rapazes que d'uma maneira brilhantíssima cultivam essa diversão gousinamente nacional. A banda de caçadores 5 executou o novo *pass-doble* O *Toureiro*, original do seu regente sr. Braz e dedicado à comissão promotora.



NO PALACIO DE MONSERRATE

GRUPO DE SENHORAS N'UMA DAS VARANDAS DO PALACIO, NA TARDE DA «GARDEN-PARTY» OFFERECIDA PELOS SENHORES VISCONDES DE MONSERRATE AOS MEMBROS DA ALTA SOCIEDADE QUE SE ENCONTRAM VERANEANDO EM CESTRA.

# O SOLITARIO DE VALLE DE LOBOS

A propósito do XXVIIº aniversário da morte de Alexandre Herculano

Herculano foi a flor gloriosa e toda de viço d'um tronco plebeu de fortes que vinha enraizado de gente da glória, d'artífices e d'esclavos. E esse filho d'oprimidos entrou na vida como um pária, lembrando-se do avô, que ao serviço do Estado perdera a luz dos olhos e o pão da bocca, o pobre mestre das obras do real paço d'Ajuda, onde o neto devia falar mão a mão com os reis, já coroado César d'uma literatura.

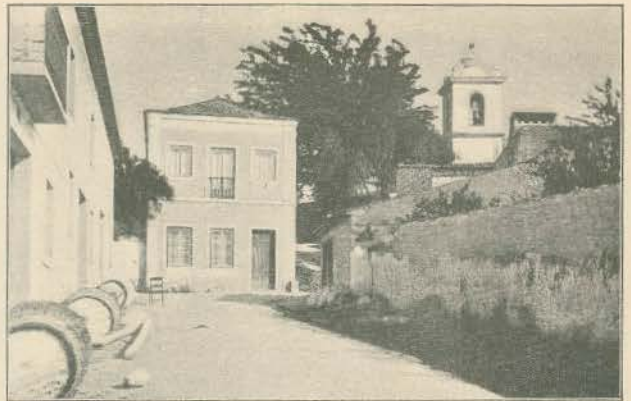
Começou a trabalhar logo que teve entendimento, comeu o pão negro da miséria e as sopas amargas do exílio, volu n'um momento em que se buscava reconstituir a nacionalidade e a sua alma generosa de trabalhador recebeu logo a ideia grandiosa d'essa resurreição d'uma pátria caída no despotismo, iniciado na vida pelas dores, foi elle o unico escriptor portuguez que soube comprehender as amarguras do povo, que o defendeu e o cantou em todas as paginas da sua obra magistral com esse ardor d'um crente dentro d'um mundo que a n

tempo que amaciava a phrase, lidava realces e loucanças para carpir os frades expulsoes dos seus conventos, os pobres velhos que tinham orado a Deus durante toda a vida e que eram obrigados a partir com saudades dos hortos onde floriam as rosas e dos altares onde brilhavam os relicarios. Cheio de fé, quando mancebo, ardente e destemido, ali por 1831, quando os carcereiros faziam a justiça do seu rei Miguel, o escriptor entrou em conspirações e teve que se exillar a bordo da fragata *Melpomene*, queo levou para longe da pátria onde foi derramar lagrimas e escrever as *Tristezas do Desterro*, sobre um rochedo, em Jersey, como mais tarde lá esteve a demolir um imperio do devassidão o Senhor Hugo, Deus d'uma literatura.

Herculano teve como companheiro, o n'esse tempo seu futuro cunhado, liberal ousado e intransigente, Joaquim Rodrigues Galvão, em cujo coração bondoso o amigo verteu as suas amarguras e depositou depois as

e elle, quando ouvia troar o canhão nas linhas e o rebato dos sinos, depanha a penna, tomava a espingarda, chegava-se ás trincheiras e batia-se como um leão, sentindo a refervor-lhe esse sangue do plebeu que vingava os avós, clamando pela liberdade, que lá depois cantar na sua lyra, quando se recolhiam os feridos e os sinos badejavam a finados. Homem honesto, recto, alma limpa, caracter seguro, jámais um dos seus actos desmente a sua obra, com a qual é coherente. Aquella prosa masculina, d'aço, de brilho e de força é o seu espirito, aquelles personagens soffredores, heroicos e bons são como o sentir da sua alma e essa bonradez que elle busca sempre espalhar sobre as figuras vem de si, do seu intimo, das suas acções. Em 1833, quando quiseram rasgar violentamente a Carta Constitucional, Herculano, que era 2.º bibliothecario nos archivos do Porto, deu a sua demissão e dispoz-se a morrer de fome, já que as balas o tinham poucado quando defendia essa liberdade agora calçada.

Só em 1839 accceita alguma coisa d'um soberano, quando se solidificavam as liberdades e o rei artista — lhe offerecen o cargo de seu bibliothecario. Socega então aquelle vibratil espirito, aquelle temperamento isolado de acervos, alanca entre as chronicas do archivo, folheia-as, aprende n'ellas esse portuguez de lei que modola, desbasta, aformosea, brune e malica para enroscupar os seus volums, que são soluções de bronze coados por uma alma forte.



VISTA DO ADRO DA EGREJA DE AZOIA DE BAIXO



TUMULO JUNTO A EGREJA D'AZOIA ONDE ES SEPULTADO O BRIGADEIRO GÓES E ONDE ESTEVE O CORPO DE HERCULANO ATÉ VIE PARA O PANTHEON.

corromper-se, apesar de todas as palavras, de todas as discussões, de todas as proclamações com que o constitucionalismo buscava impôr-se.

Herculano foi o temperamento romantico d'um cavalheiro medieval no casulo modesto, sombrio e bondoso d'um monge culto.

E assim, armando d'aço rutilo a sua impecavel prosa, ataca o ultramontanismo em todos os campos, assim como um archaño vingador busca abateo e ao mesmo

suas esperanças quando do Belle Isle partiu para a Terceira a incorporar-se no exercito de D. Pedro, que devia desembarcar nas praias do Mindello a trazer o que então todos acreditavam ser a liberdade.

Entre essas 7200 heroeas, cheios d'ardor e creença, vinha o escriptor, que deixara o seu nome e passara a ser um numero — o 35 da 3.ª dos voluntarios da rainha.

Entregaram-lhe os archivos do episcopado no Porto

dos publicas e que D. Fernando — o rei artista — lhe offerecen o cargo de seu bibliothecario. Socega então aquelle vibratil espirito, aquelle temperamento isolado de acervos, alanca entre as chronicas do archivo, folheia-as, aprende n'ellas esse portuguez de lei que modola, desbasta, aformosea, brune e malica para enroscupar os seus volums, que são soluções de bronze coados por uma alma forte.



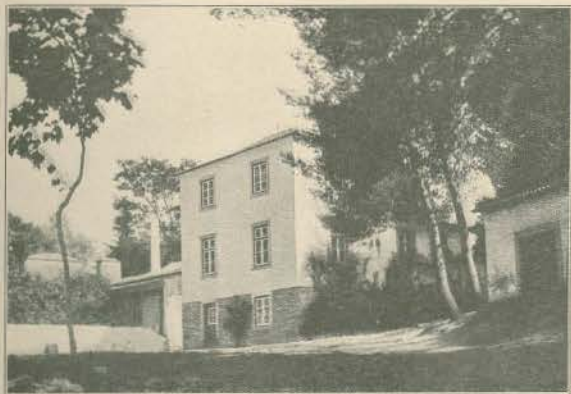
CASA DA QUINTA DE VALLE DE LOBOS ONDE RESIDIU ALEXANDRE HERCULANO



ENTRADA DA QUINTA DE VALLE DE LOBOS DO LADO DA AZOIA DE BAIXO



LARGO DESTINADO AO MONUMENTO A HERCULANO NA AZOIA DE BAIXO



CASA DE ALEXANDRE HERCULANO LADO SUL

Vem, então, as páginas do *Monge de Cister*, folhas de suprema e d'encanto, que tem em si uma alusão, que são um brado e uma evocação, uma tortura com ressonâncias ativas d'oposição; vem o *Eurico* que parece talhado em mármore impecável por um escultor de génio, o *Eurico* um tipo das serranias com o branco habito fluctuando e da voz doce a prantearem, entre as encostas e junto de Hermongarda, a lamentar essa religião que traz o celibato eclesiástico e abafa o amor, tornando-o culpado e que faz do padre um reprobato, um maldito a quem se nega a família gerada do seu amor. Succedem-se sempre poemas em prosa em que o *Bobo* do guilhotinado canal é alvo do escarnos e senhor de dores maiores que as do truíste Triboulet, de Hugo, figura de terror e de desesperança; apparecem os pedaços d'ouro das *Lendas e Narrativas*, a epopéia dada n'um alarde, escreve esses tres volumes recheados d'erudição da Historia de Portugal e que fazem o seu nome soar pelo mundo tão aureolado como os Ranko, de Thierry e de Maucoulay, os principes da Historia.

Collabora em jornais, trabalha no *Portugaliae Monumenta Historica*, vai recusar as origens da Inquisição n'um brado, como n'um protesto contra essa sociedade constitucional que ajudara a fundar e da qual já desceria. A sua alma já de plebeu heros e poeta abrigara o sonho da felicidade humana, lutara por ella, dor-lhe talento e sangue e no fim via o seu sonho despojado pela politica de intriga, pelos marechais venas e pelos banqueiros que entardelavam o ouro das congregações, pelas mulheres que chegavam com os seus sorrisos a traírem commendas, pelos ministros que na Arca formavam um convento mais ruinoso que todos os suprimidos, pela ganancia, pela espoliação, pelo logro, pelas Camaras que viviam de subterfugios e esmagavam essa Carta pela qual correram rios de sangue.

A Regeneração condecorava os locais enriquecidos, esmagava as liberdades, a sociedade refundiase n'um entroncamento de burguezes que se autorizavam em fidalgoes, e a mosca varejeira da ambição habijava e envolvenhava tudo quanto havia de grande e de bello.

Os litteratos do tempo repuxavam as gravatas e iam aos salons recitar poesias alambicadas, aprofelhavam-se, dandyavam-se, punham postiches, e nas Laranjeiras faziam a sua corte; e elle, que jámais se viscondeou, que jámais deixou o seu nome de plebeu, recordou:

— O meu avô era pedreiro!

E com a sua força, com o seu nojo, com a sua honestidade, lembrando os avós servos, como se tivessem sido cavalheiros de pendão e caldeira, sentindo a perfidia da sociedade, entupida de todos os crimes e de todos os delictos, concluiu a dizer:

— E quando os arbustos plantados em terra peçonhenta, tendo bebido uma seiva venenosa, produzem seus fructos de morte, o mundo, ao mesmo tempo malvado e hypocrita, abomina a sua obra e ajuntando-se á rede

Herculano como um propheta e como um observador lançava o anathema á sociedade e sentia a necessidade do isolamento, do socorro entre as arvores verdes junto da gente sem ambições, lendo no livro da natureza a historia da pureza, que não foi nem será modificada para certas almas pela sociedade que elle desprezava ao vê-la gananciosa, torpe, a empenhar-se n'um egoismo que não tinha lugar no seu coração. Abominou então o mundo, a corte, e os politicos.

E pensando assim, o Mestre recolheu-se ao seu retiro de Valle de Lobos, enquanto outros ficavam a pompear na cidade, vestiu-se de briche como os seus caseiros e quando os reis e imperadores lhe bateram ao ferro da quinta deu-lhes uma hospitalidade tão amiga como a que dava aos seus vaqueiros e aos seus ganhões.

Alli, n'esse retiro da Azóia, o velho Mestre, vendo fracassar a liberdade de que fora soldado e vazio, preparou-se santamente para morrer entre a adoração dos rudes, dos simples, d'aquelles que lhe lembravam os avós escravos, também rudes e também simples.

E ali ficou olhando aquelle viver e a sombra do céu todo de luz, longe do ruido e das ambições como um grande portuguez detestando os que levavam Portugal por caminho errado.

Agora esse povo de rudes vai levantar-lhe uma estatu, vai pôr na praça minúscula a sua figura sombria enervosa que o sol ha de aureolar e que os campones hão de

saudar ao passarem, descobrindo-se como diante dos santos de que ouviram contar as acções, as obras, o passado de legenda e a vida de sacrificios.

E a alma do Mestre, que foi o patriarcha d'uma litteratura, ha de agradecer de logar onde os genios vivem eternamente aquelles de que foi também patriarcha, ao deixar o mundo pelo retiro da quinta isolada, ao deixar as pompas pelo briche que usavam os seus ultimos amigos: os simples, aquelles que não sabem ser hypocritas.



A RIBEIRA DA AZOIA



ESCOLA ALEXANDRE HERCULANO NA AZOIA DE BAIXO

dos supplicados, que elle proprio lá conduzia, sanda uma cousa a que poz o nome de justiça e que não é mais que uma desculpa embusteira, não do criminoso, mas d'esse vulto hediondo e infame que se chama sociedade.

Começou a vir a sociedade o monstro, tirando n'essa época a conclusão que só annos depois chegariam de França com um ruido enorme e com todas as honras d'uma idea nova da qual fizeram um partido politico.



HABITAÇÃO DO BEMADEIRO GOREJO ONDE VIVEU POR ALGUM TEMPO ALEXANDRE HERCULANO



ENTRADA DA POVOAÇÃO D'AZOIA DE BAIXO



UMA DAS PHASES DA BATALHA DE LIAO YANG

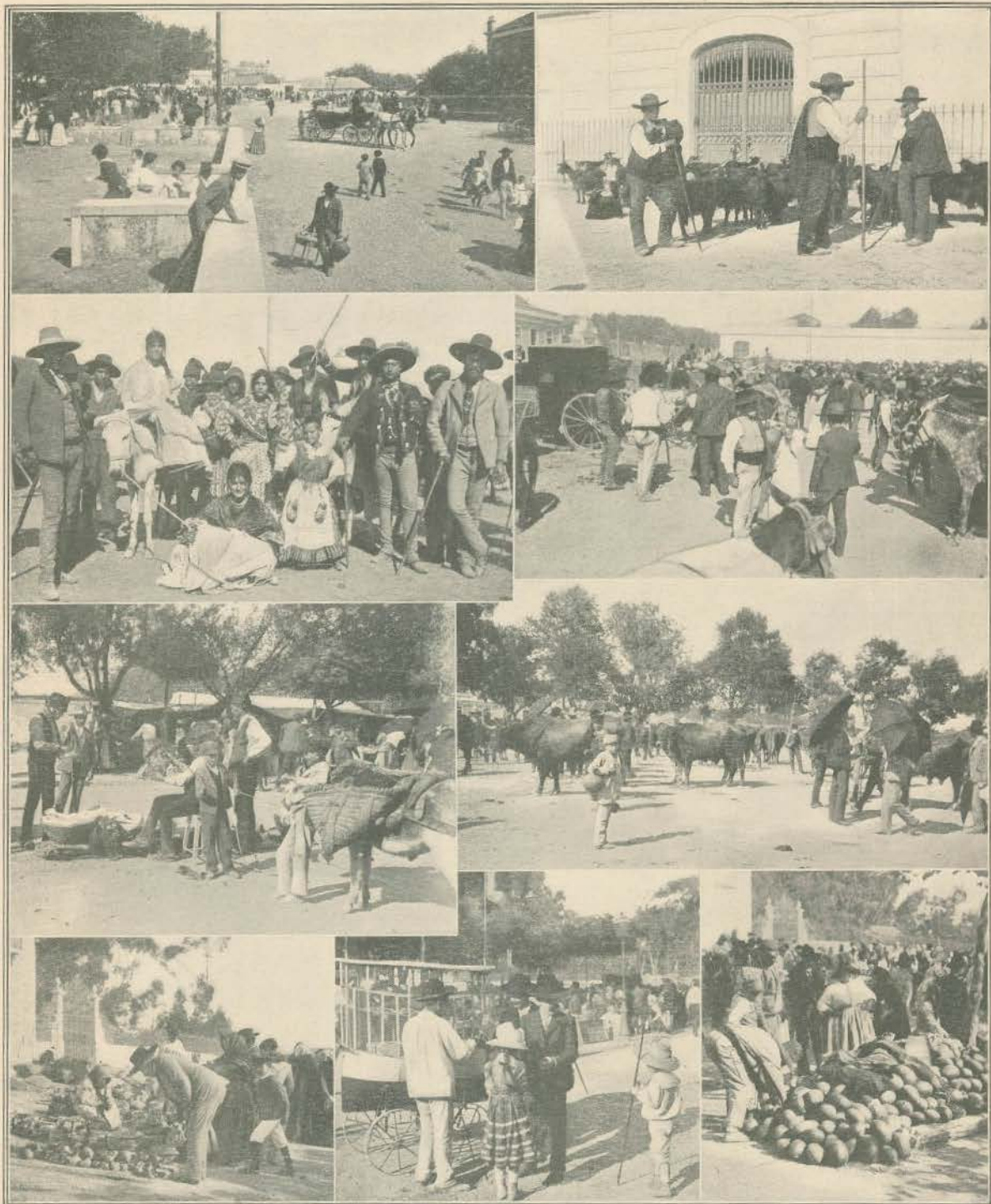
*Telegrama official para os representantes do Japão na Europa.*

O PRIMEIRO CORPO D'EXERCITO DA RUSSIA, COMPOSTO DE 25.000 HOMENS, SOB O COMANDO DO GENERAL STACKELBERG, QUE HAVIA RETIRADO PARA CIMA DE LIAO YANG, FOI COMPLETAMENTE DEBILITADO PELO EXERCITO DO GENERAL KURURI, QUE CONSEGUIU CONTORNAR-LHE AS POSICOES. NO COMBATE MORRERAM QUASI TODOS OS CORDEIROS RUSSOS.

A batalha de Liao Yang, em que Kureki se assinalou como um grande cabo de guerra, deu um aspecto de ha muito esperado a lucta russo-japonesa. As tropas de Kuropatkin obrigadas a retirar para Mukden devem ali esperar uma batalha formal, que sera talvez a ultima d'esta terrivel guerra que esta asombrando o mundo.

Derrotados por todos os lados, no mar e em terra, mal podendo defender Porto Arthur d'um apertadissimo cerco, so ha a esperar que os russos se rendam, ficando com a lucta severa, indigida assim sem ser esperada. Os japoneses, disciplinados e em grande numero, d'uma bravura a toda a prova, e tendo succedido dignos adversarios, maiores prodigios fizeram ainda, conseguindo impoer na Europa a sua nação, que d'ora avante vai ser considerada como uma das formidaveis potencias do mundo, e que, a alastrar a sua influencia na China, sera diversa para reinar.

prodigios fizeram ainda, conseguindo impoer na Europa a sua nação, que d'ora avante vai ser considerada como uma das formidaveis potencias do mundo, e que, a alastrar a sua influencia na China, sera diversa para reinar.



## A FEIRA DA LUZ

UM ASPECTO DA FEIRA — CABRAS PARA A VENDA — CIGANOS: A FAMÍLIA MAIA — OUTRO ASPECTO DA FEIRA — DEANTE DAS BARRACAS — O GADO BOVINO — LOGAR DA LOUÇA — O HOMEM DO AMENDOIM — VENDEDORES DE MELÕES

É uma das mais importantes feiras arrabaldinas, na qual se fazem grandes transacções, concorrendo ali gente de todas as localidades vizinhas e mesmo da capital. A Luz fica na freguesia de Caraipe e teve um velho convento sob a invocação da Senhora da Luz. Data do século XVI o foi fundado por um tal Pêro Martins, no anno de 1463. Andara nas unhas o homem, e fora feito prisioneiro; um dia conseguiu evadir-se e veio residir para Caraipe, onde lhe appareceo junto d'uma fonte uma linda imagem envolta n'um círculo luminoso. Reconheceo allucinadamente uma visão

que livrou ao carcere e edificou uma ermida, junto á fonte dedicada á milagrosa Senhora. Em 1543 D. João III, o catholico rei, mandou uns freires habitar na Luz depois de erigir o convento, ajudado por sua irmã a infanta D. Maria, que pagou os trabalhos da capella mór, onde jae a'um mosaico de mármore. As romarias começaram a fazer-se, installaram-se as tendas, veio a idea do mercado, e por fim a feira que se realisa agora e á qual vae o povo da capital n'uma ansia de prazeres e diversões.



OS BARCOS DEPOIS DO «WATER-POLO»



NA PRAIA DE PAÇO D'ARCOS



O SR. TAYLOR, CAPTAIN D'UM TEAM DO «WATER-POLO»



AS CORRIDAS DE BARRICAS



TYPON NO AREAL



A PROCESSÃO



OUTRO ASPECTO DA PROCESSÃO

# AS FESTAS AO SENHOR JESUS DOS NAVEGANTES EM PAÇO D'ARCOS, NO DOMINGO 11 DE SETEMBRO

Paço d'Arcos é uma terra de marinheiros que tem o culto do Senhor Jesus dos Navegantes e que elles festejam sempre com grande pompa. Este anno a festa foi deslumbrante e cheia d'atracti-  
 vos, realçando-se, além da procissão lúrida, do bello arrabal e da *terrassem*, um interessante numero  
 de *sport* nautico que foi peca não ser levado a cabo. O nosso collaga *Jornal da Noite* promueu  
 uma *water-polo* no qual deviam tomar parte dois *team* capitaneados por Awata e Philippe Taylor,  
 e fim de se disputarem os premios nas corridas de barricas e na lucta sobre um mastro encobado.  
 Fallaram, porém, alguns campos, e o *match* não foi levado a effeito. No amanho a *equipe* de sr.

Taylor ainda montou os cavallos barricas, e que deu lugar a divertidos episodios, portando os  
 todos os *sportmen* admiravelmente.  
 Na praia *estava* muita gente, os barcos embalsamados percorriam o rio, *cozavam* rixadas, ao  
 sul alegre se fazem resplandeciam e os *herbais* saavam por esse magnifico *barco* luminosa.  
 Realisaram-se depois as festas religiosas, e o *arrabal* e a *terrassem* duraram tres dias em que  
 Paço d'Arcos recebeu grande numero de forasteiros.



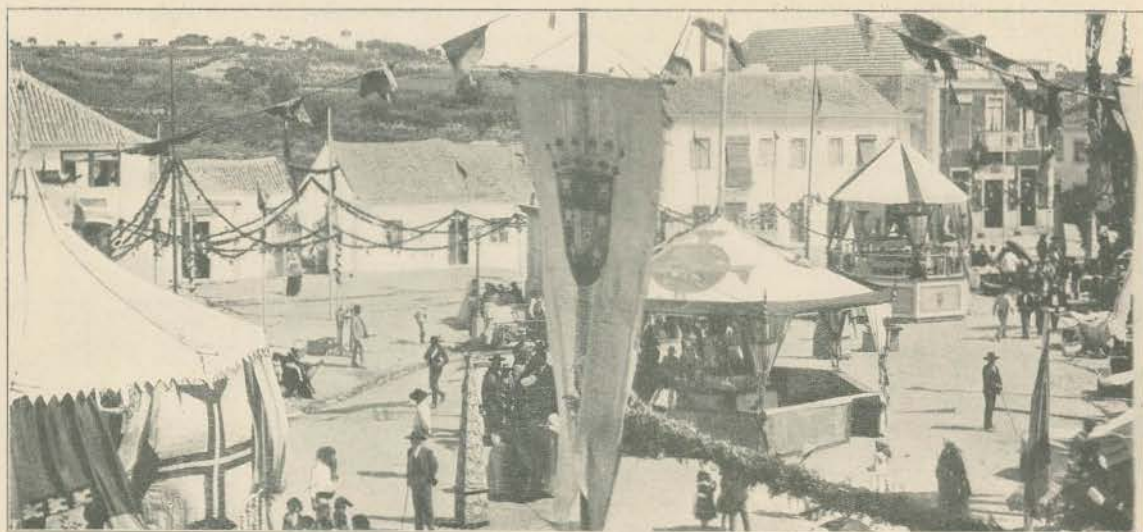
UM TRECHO DO ARRAIAL



OS CABOS DE SEGURANÇA



UMA ROULETA



ASPECTO GERAL DO ARRAIAL



QUERIADEIRAS



ASPECTO DA FEIRA

## A FEIRA E FESTAS NA MOITA

É muito antiga a feira na villa da Moita, começando no dia 10 de setembro e durando 3 dias. Fazem-se grandes festas por esta occasião ao erage da freguesia, a Senhora da Boa Viagem. A Moita é villa desde 1896, em que D. Pedro II lhe concedeu alvará dando a ao conde d'Alvor. Este anno as festas foram cheias de declambramento, havendo, além de procissões e arraial, uma magnifica tourada. Gente das immediacoes, tanto pelo negocio como pela diversão, foi ali, havendo uma enorme animação apesar do tempo estar pouco seguro. No domingo havia, como de costume, em frente do case, muitos botes embandeirados, nos quaes os maritimos aguardavam a passagem da procissão.

Entre outros d'incenso e alar de povo, com o pullo rico e a irmandade em festa, a bella imagem appareceu, e, como é d'uso, veio até ás escadas de casa, ficando voltada para os botes, como a abençoar os. Então, ao mesmo tempo, rompem de tolas as embarcações uma porção enorme de foguetes que se cravavam no ar formando como uma aboboda que estalajara e porava um louco entusiasmo entre aquella gente do mar, que á porfia buscava lançar maior quantidade de fogo. E' tambem habito realisar-se n'esses dias grande numero de casamentos e baptizados, o que succedeu do mesmo modo este anno, havendo 5 consorcios e 13 baptizados, entre elles o d'uma rapariga de 16 annos.



O RETRATO DE HERCULANO OFFERECIDO À CAMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM E PINTADO POR SEU SEGUNDO SOBRINHO O FALLECIDO PINTOR JOÃO GALHARDO



HERCULANO EM VALLE DE LOBOS

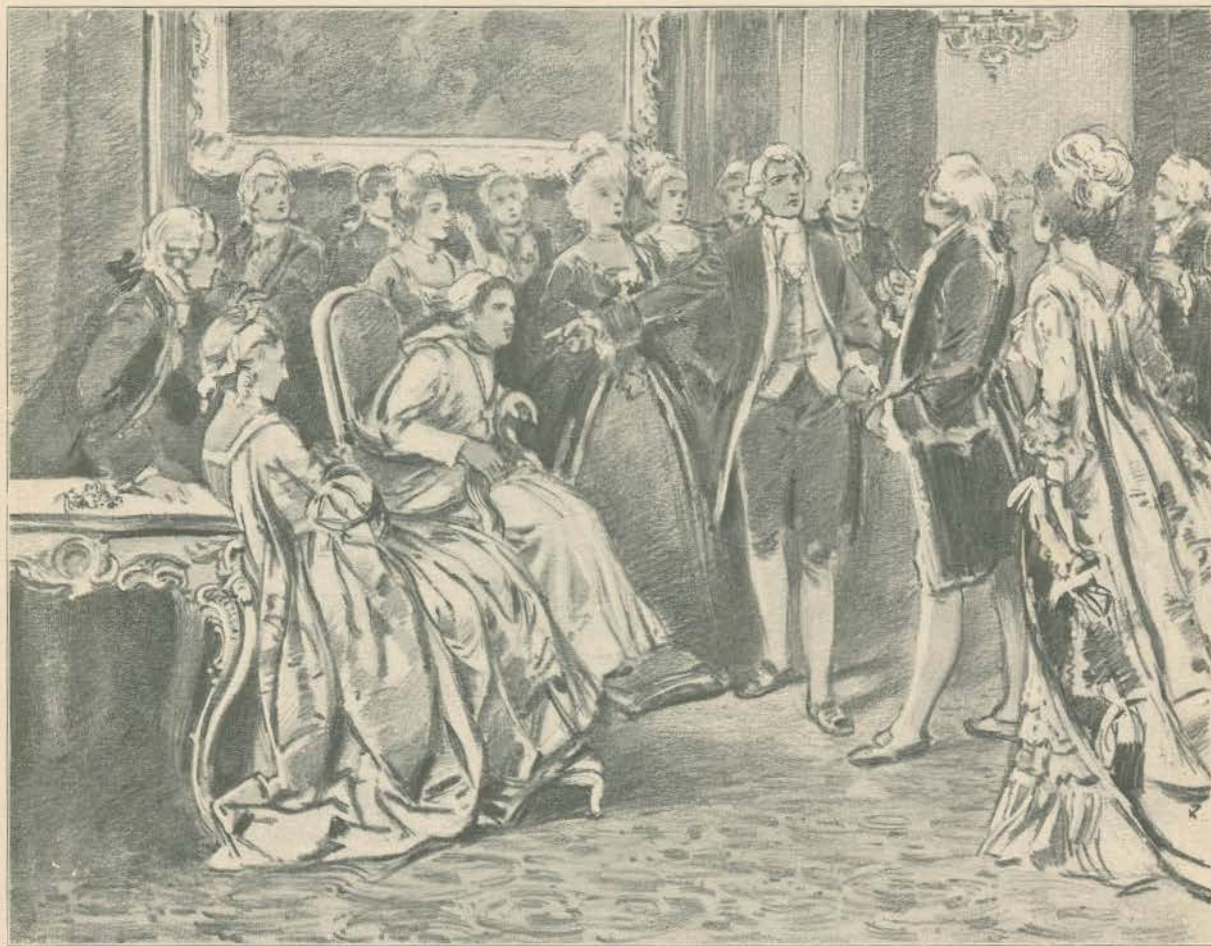
### *A tempestade*

Quasi todas as embarcações da armada tinham saído por sua derrota, de-  
mandando os Açores, e porcelimamentos indispensáveis retiveram a <sup>Junco</sup> ~~Junco~~ por mais  
alguns dias no sargidouro de Belle-Isle; mas negociado em fim o navio de tudo  
quanto lhe cumpria, desafferramos da bahia por uma tarde serena. Estava o  
mar em calma e algumas nuvens toldavam parte do céu occidental. # Pen-  
diam proucas as velas soando nos mastros com rugido cançado e longo, e  
a nau arfava brandamente sobre as ondas somnolescentes. Com um glote  
de ferro em brasa o sol crescia trêmulo no occaso e seus ultimos raios bati-  
am na amurada, e a tingiam de fulgor avermelhado, prolongando-se de espa-  
ço em espaço sobre a tolda através das canhoneiras. Fúido o ar annunci-  
ava a procella e os castellos de nuvens so esperavam, porventura, para a  
soltar o grito do Anjo dos mares. Terrível mais que nenhum é o espec-  
táculo de sobre a noite no oceano por vesperas de tempestade. # Parecia  
que a natureza quizesse ostentar todos os seus thesours de melancolia  
e de voluptuosa saudade, neste quadro magnifico do caixar das tre-  
vas. # E poucos dias depois, no meio do temporal desfeito, amolda a ima-  
gem desta hora me estava viva na imaginação, e ainda saudai o oce-  
ano, então irado, como o que ama Deus, lembrado dos beneficios passados,  
o adora quando, no dia da cólera, o Senhor o afasta de sob as axas,  
da sua providencia paterna.

### TRECHO D'UM AUTOGRAPHO D'ALEXANDRE HERCULANO

Sahiu Herculano de Belle-Isle em 2 de março de 1832, com grande numero de emigrados no-  
táveis, a bordo da corveta Junco e em direção à Ilha Terceira. A corveta foi mais tarde chris-  
mada com o nome de *Princesa Amélia*.  
Com esse título a navegação chegou a artilharia miguelista, nas aguas do Porto. Foi durante a  
viagem no Junco que se deu a tempestade inspiradora d'este artigo que pertencia a um caderno.

Recordações da mocidade, onde foi encontrado entre outros fragmentos inéditos. Sobre o mesmo  
assumpto, mas de baixo d'um ponto de vista geral, escreveu elle a poesia philosophica que, com  
igual epigrapho (*Tempestade*), se encontra no volume *Poesias*.  
Herculano quando escreveu o artigo, ainda não tinha 22 annos.



A VERGONHA D'AQUELLAS ROSAS MERCE QUE UM HOMEM DE HONRA SE DÁ POR ELLAS!

## O GRÂNDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

Todo o grupo se inclinou profundamente á vista do arcebispo. Cada uma por sua vez, as fidalgas vergaram as cabeças empoadas e caminharam até aos joelhos do confessor, com as mãos em aza nas anquilinas.

Cagliostro, ao lado do duque de Lafões e de Anselmo Sobral, dominava o espanto, produzido por aquelle espectáculo unico na Europa, em que uma nobreza antiga, empergada de orgulho e arrogancia, se rojava, no seculo de Voltaire, aos pés de um frade, d'uma submissão que asombraria Richelieu e Mazarin!

Que maravilhosos e malleaveis instrumentos seriam nas suas mãos diabolicas aquellas doces mulheres, que punham tanto donaire e tanta graça n'essa cerimonia fanatica de escravas! Os seus olhos sorriam de anticipado jubilo ao reconhecer o valor inestimavel d'essas camplices submissas, tão differentes das suas antigas sacerdotisas da loja de Isis, d'essas condessas de Briouve, de Polignac, de Brassac, de Choiseul, de Genlis, creadas no Trianon, educadas na Encyclopedie, que boijavam em Paris a fimbria da sua tunica de gromestre e lhe escreviam para o carcere da Bastilha!

Agora, elle comprehendia as revoltas d'esse principe, enclausurado n'aquella corte devota, a quem tinham dado uma tia por esposa, de quem a egreja se recava como de um inimigo, que a nobreza temia como um despoja, que Pombal educara para o throno, como um filho predilecto, para lhe continuar a politica reformadora. Quando desaparecesse da vida aquella rainha faustada e doente, acabaria o reinado dos bobos, das validas pretas, dos frades confessores, dos intendentes tyrannos e dos ministros devotos.

Vendo ajoelhar, igualmente submissos, em frente ás sandalias do frade, depois das mulheres os fidalgos e os sabios, Cagliostro reconhecia que n'essa corte, onde era idolo um frade, podia bem caber, sem escandallo, um nigromante.

Quando tivesse pelo seu lado o herdeiro do throno, a inquisição e a nobreza, seria facil lutar com a policia e empenhar com o Intendente uma batalha de exterminio. Mas essa conquista poderia consumir longos mezes e a sahida d'aquelle palacio esperava-o uma escolta armada, para o levar á prisão como um aventureiro.

Debalde, a sua imaginação, tão fértil em ardis, procurava um recurso salvador, que o subtrahisse aquella armadilha temerosa, para onde os seus passos o iam fatalmente precipitar.

E já de novo o arcebispo o chamava, terminadas as genuflexões da etiqueta, quando as vozes dos lacaios das tochas gritaram na escadaria:

— Sua excellencia, o senhor lord Beckford!

Cagliostro estremeceu. Era mais um inimigo que se avizinhava. A sua audacia enfraquecia diante d'esse espectador inesperado.

— Conhece o lord, conde? — perguntou Thessalonica. Cagliostro fochou as mãos, que uma tremura nervosa sacudia, e respondeu com soberbo impudor:

Muitas vezes nos fomos encontrados nas cortes da Europa, grandeza. Um dia o vi de perto em Varsovia, na ante-câmara de Sua Magestade Estanislau-Augusto.

Com um ramalhete de pequenos botões de rosas brancas na mão, apparecera á porta da primeira sala um homem alto e magro, vestido com uma simplicidade elegante, de bofes e punhos de rendas, o cabello escrupulosamente empoado, a casaca de setim preto e um espadim de guarda de ouro.

Cagliostro examinou attentamente esse inimigo, procurando o ponto vulneravel onde attingil-o. A sua memoria passava em revista os innumeraveis adeptos das lojas maçonicas inglesas.

Favorecido pela entrada sensacional de lord Beckford, recuara de vagar e cautelosamente para o vão de uma janella e o seu olhar inquieto de perseguido encontrou

desde logo o vulto do Intendente na escuridão da noite. Sentia-se cercado, conduzido a uma arena, onde lhe era necessario obrar prodigios ou morrer. Por um momento, desamparou-o a energia e a esperanca. Mas a imagem d'aquelle principe de vinte e seis annos, enlevo do povo e terror da nobreza, que o esperava em Queluz, phrenetico de governar, perdido entre as suas visões e as suas revoltas, resvalou-o.

Heroicamente, a victima examinou os seus algozes, o frade omnipotente e rude, que a devoção da Rainha collocara no primeiro degrau do throno; o decrepito marquez de Marialva, patriarcha sensual, que um olhir de amor conquistaria; aquellas mulheres de uma levandade de creanças, tão facies de asombrar; aquelles fidalgos arrogantes e pueris, que Pombal reduzia de depressa a famulos timoratos e submissos.

O observador terrivel, cujo olhar se introduzia nas almas, viu o amor no coração de D. Henriqueta de Menezes, cujo seio já se offerecia ao ramalhete de botões de rosas de lord Beckford, e viu a pallidez, transparecendo sob o carmin, no rosto do velho duque de Lafões.

Approximando-se do vencedor intrepido de Maxen, mais pallido em frente á commoção da Marialva do que vinte annos antes em frente á artilharia dos allemães, Cagliostro veio murmurar-lhe ao ouvido, em italiano:

— Desde quando usam os lords ramalhete de rosas brancas, duque?

Mordendo o labio pintado e dando a sua meia volta predilecta sobre os altos tacões vermelhos, já bandos da etiqueta de França, Lafões fez um esforço prodigioso para sorrir.

Desde que estão apaixonados, conde...

Mas ainda o velho duque não acabara a tardia resposta, quando os lindos botões de rosa começaram, re-

penitentemente, a desabrochar, como se um rol de véu se estivesse abrindo nas roseiras. Cagliostro estava immovei, com as mãos cruzadas no peito, a fronte contrahida, os olhos ardentes pousados no ramalhete de lord Beckford.

No silêncio de assombro, que se fizera, apenas se ouvia a respiração mais offegante do arcebispo, o estalido das velas, consumindo-se nos lustres de Veneza, e o rumor da comitiva de Thessalonica, atrás dos reposteiros da sala de entrada. Os condes de Lumiares e do Obidos, o visconde do Ponte de Lima, o novo marquez de Pombal, os duques de Lafões e Cadaval, o velho marquez de Marialva, as condessas de Pombeiro, Lumiares, Assumar e Caparica, D. Luiz de Miranda, D. Francisco de Lima, o marquez do Lavradio e a mulher de Anselmo Sobral estavam do pé, em redor do arcebispo. O medico Piqueo examinava o milagre com a sua luneta de scópio, sorrindo do tismo que a sua lada immobilisava o sabio Theodoro de Almeida.

O olhar ardente proseguia na obra de destruição. Agora, as petalas cahiam, uma a uma, com um rumor de bellos, sobre as fivelas de diamantes dos sapatos de lord Beckford, que tranquillamente olhou o seu ramalhete quasi desfeito e o ponou, com um gesto indolente, no marmore azul de um tremó.

Sob a scintillação dos lustres, avançava n'esse instante, com apparatosa lentidão, o Intendente da policia.

Lord Beckford fizera uma venia ao Arcebispo, cumprimentou o marquez de Marialva, o duque de Lafões, inclinou-se diante das damas, affogeadas e attonitas, e voltando-se para o feiticeiro, disse com altiva serenidade:

— A vergonha d'aquellas rosas mereço que um homem de honra se bata por ellas!

Nos olhos de Cagliostro brillou uma acenella de ameaça. Mas depressa o seu rosto se compoz n'uma expressão risolia.

— Ambos juramos a lord Derwentwater que não nos bateríamos, nem mesmo por um ramo de rosas, *mylord*!

Houve uma breve contração muscular na face de lord Beckford, que apertou nas mãos nervosas os seus punhos de rendas francezas.

— Já conhecia o conde de Stephanis, *lord*? perguntou Thessalonica, recobrado do espanto.

— Não me esquecerei mais d'elle, excellencia! — respondeu lord Beckford com uma dignidade fria.

— Senhor feiticeiro, que faz desabrochar as rosas, não ha na sua sciencia recursos para rejuvenescer os homens? — inquiriu, com um sorriso malicioso de satyro, o marquez de Marialva, apoiado ao seu bastão de patriarcha.

De cabeça alta e a mão fútilante na espada, Cagliostro voltou-se.

— Eu sou apenas medico de causas desesperadas, senhor marquez! A velhice é uma graça de Deus. Quanta seria a grandeza do homem contemporaneo que tivesse assistido ás guerras de Samiramis, ao assassinio de Cesar, ao supplicio de Jesus, ao rapto das Sabinas e ás bodas de Canaan!

— Parece-me que vossa senhoria, pouco antes da entrada do senhor lord Beckford, se vangloriava de haver descoberto a famosa *puncta* universal... — disse o medico Piqueo, com um dodezioso sorriso.

Cagliostro olhou-o demoradamente, como um gigante que examina um pygmeu.

— Pode saber-se no que as minhas palavras de agora contrariam as minhas palavras de ha pouco?

— Se vossa senhoria cura as molestias, é de esperar que nos cure da velhice, que é a peor molestia do homem.

— E' por entendel-o assim: que os medicos da Coimbra impedem muita gente de alcançal-a! — Eu não emendo o tempo. Penso que a nossa velhice, comparada com a dos prophetas, é uma mocidade. Mas vossa senhoria, que é medico de Sua Magestade, devia estar a estas horas nas Caldas da Rainha. Sua Magestade está doente!

Thessalonica ergueu-se precipitadamente da cadeira.

— Sua Magestade está doente?

Cagliostro tirou o relógio; disse com uma serenidade imperturbavel:

— Ha quatro horas que Sua Magestade teve um deliquio e todos os que a cercam receiam pela sua vida! Placeno continuava a sorrir dodeziosamente.

Pallido, reclinado na mão tremula o habito branco, o arcebispo voltou-se para Sobral.

— Conselheiro, mande chegar a minha sege!

Mas a daviada succedou repentinamente a esse paucico.



QUERO ENCONTRAR-O AMANHÃ

Thessalonica voltou a sentar-se na poltrona de damasco amarello.

— Como me garante o conde a doença de Sua Magestade?

Cagliostro sacudia orgulhosamente a cabeça empada.

— Com a minha palavra, grandeza!

— Conde, eu vou partir para as Caldas! — gritou Thessalonica como uma ameaça.

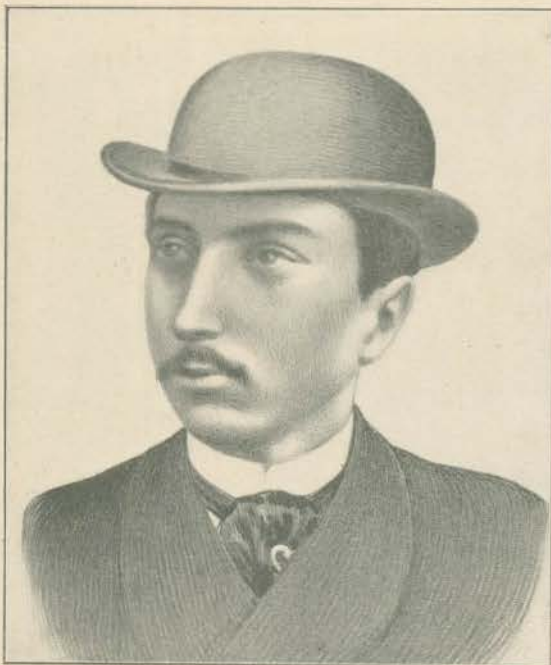
— Grandes beneficios resultarão para Sua Magestade da assistencia de vossa grandeza! — disse Cagliostro com impossibilidade.

— E como sabe, primeiro de que eu, noticias da corte, o senhor, que é um estrangeiro?

— Porque m'as trouxeram a mim e as não levaram a vossa excellencia!

— Está no pateo a sege de vossa grandeza... — disse Anselmo Sobral, afastando o reposteiro carmezim da primeira sala.

Ouvia-se então distinctamente a vozeria das comitivas no terreiro e o rodar da grande sege no empedrado.



O SR. VISCONDE DE CASTELLO BORGES  
QUE FOI ASSASSINADO NA SUA RESIDENCIA DA PÓL DO TUEIRO

As circunstâncias de que se acha revestido este crime tem muito de romanesco e de mysterioso. O sr. visconde de Castello Borges foi morto com duas vaxadadas na cabeça, tendo sido derrubado primeiro um seu carroeiro e ferida uma senhora que vivia com e títular d'aquella casa em de Thodo.

Os assassinos foram dois individuos que tinham vindo ha pouco pedir trabalho na propriedade onde ficaram. Apoe o crime rombaram todos os objectos de valor, alguns dinheiro e desapareceram. O visconde de Castello Borges pertencia a uma das mais antigas familias portuguezas e chamava-se Felix Manuel d'Alvaresca, tinha o curso da escola agricola de Coimbra e vivia n'aquella propriedade com miss Mary Anne, a senhora que tambem ha pouco morria pelos malfeteiros.



CONSELHEIRO LUIZ BIVAR

(PRESIDENTE DA CAMARA DOS PAISES, VILLETORE EN 3 DE SETEMBRO EN VILLA NOVA DE PORTUGAL)

O veneravel ancão que acaba de fallecer foi durante toda a sua existencia um homem. Respeitado e querido, o presidente da camara dos paizes meros detendo uma tradição de honradez e lealdade.

Foi governador civil de Faro e presidente da camara dos deputados de 1892 a 1895, sendo nomeado par do reino em 1896 e presidente da camara alta em 1896, era do Conselho d'Estado e juiz presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

## CHRONICA ELEGANTE

As grandes casas de modas do Paris, Londres, Berlin e Vienna já a esta hora estão elaborando as novidades que hão de decretar a *fashion* das proximas estações de outono e de inverno. E' fora de duvida que d'estas altas combinações nada transpira por enquanto para o publico, mas, pelas tendencias actuaes, pôde-se antever pouco mais ou menos qual deverá ser a fórma preferida das *toilettes*.

Nota-se primeiro que tudo um accentuado *retorno* aos folhos que desenhem bem o busto e a cintura. Os corpos deixarão de ser tão tufados como até aqui, os casacos largos ficarão reservados para as occasiões muito sem cerimonia ou para os *manteaux* de noite, e todas as preferencias serão para os casacos justos com abas compridas, chegando mesmo a usar-se a grande *redingote*. As abas dos casacos Luiz XV serão por vezes progreçadas em grandes machos ou pregas fundas tudo em volta e até mesmo françadas quando se trate de fazendas macias e finas.

Comprehende-se que só as pessoas de impeccavel plasticidade e extremamente ob-

beltas pôdem impunemente adoptar estas modas. No genero do agasalho menos *habillé* veremos figurar os *carriack*, *macfarlane* e outros feitos sempre com grandes cabeções e romeiras; para caruagem as grandes e comportaveis capas chamadas *monte pepin*, que dão uma vaga idéa dos antigos chales.

Para sahidas de baile, theatro e ensino as longas *pellicias* leves e elegantissimas em *popeline* de seda, *taffetas*, seda *Liberly*, acolchoadas de pennugem (*duvet*) até ao meio das costas e profusamente guarnecidas de *monsefine* de seda e rendas. Para pessoas de certa idade reapparecem uns *manteaux*, no genero dos antigos *visites*, feitos de seda *châtelaine*, especie de *ottoman* e enfeitados de rendas e folhas de seda com *ruchesi*nas de tulio de *monsefine*, etc.

Os primeiros frios d'outono farão apparecer a grande *cape* de seda chamada—*Elcolation*—que parece destinada a fazer sensação, pela sua fórma muito justa, moldando o corpo como uma couraça; a casaca *Directoire* com grandes *revers* de setim ornados de grandes botões no genero antigo e tambem a verdadeira *veste* Luiz XV, que se excentará em velludo, seda ou

setim lavrado e botões de metal artisticos ou de cristal. Estes feitos todos não farão, porém, abandonar os *boleros*, *blusoras*, *paletots*, *pelerines* e outros agasalhos, que continuarão da mesma maneira a ser usados, posto que não apresentem a mesma novidade e originalidade dos novos modelos. As grandes *charpes* de plumas frias, pretas, brancas ou mescladas constituirão dois objectos predilectos para passeio a pé e de cartunagem, para sahida de theatro e mesmo para sala.

FIG. 1—Grande *redingote* em paño cor de canella pospostado de preto com botões pretos. Toque de feltro com azas *Mercure*.

FIG. 2—*Paletot* Luiz XV em *popeline* de seda havane com galões de seda branca bordados a ouro com botões artisticos, cabeção bordado a seda branca e curo e punhos de renda branca. Grande *feutre* preto com pluma havanesombreada de branco.

FIG. 3—*Toilette* de passeio em paño melange cor de tabaco. *Bolero* forrado de seda creme e *chemise* de seda e rãmo bordada. Chapéu com fundo *domier* cor de tabaco e *oreme* com vên de renda castanha.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3